

Espaço Patrimonial: Usos e Tensões em Torno de um “Centro Histórico”

Irllys Alencar Firmo Barreira¹

Francisco Willams Ribeiro Lopes²

Resumo

Este trabalho analisa as políticas de preservação ao patrimônio designadas como “requalificação”, com ênfase nas intervenções, estratégias e práticas sociais envolvidas em processos de intervenção. A “requalificação”, expressão que vem substituindo a palavra “revitalização” do patrimônio, visa transformar áreas históricas consideradas “degradadas” em espaços de entretenimento e lazer, a partir da execução de medidas estratégicas de intervenção. A proposta implica um processo de substituição de usuários de espaços considerados patrimônio da cidade por meio da tentativa de atrair turistas e moradores de classe média. A reflexão tem como referente empírico os projetos de intervenção para o Centro Histórico de Fortaleza, Ceará, Brasil, incluindo os conflitos de natureza social e simbólica que envolvem tanto atores institucionais como usuários.

Palavras-chave: Patrimônio. Requalificação. Centro histórico. Usos. Passeio Público.

Introdução

Intervenções urbanas com vistas à conservação ou manutenção de ambientes e monumentos fazem parte da lógica que preside as políticas de patrimonialização em cidades, nos últimos anos. Constituem práticas simbólicas de classificação e afirmação da história, segmentando áreas urbanas que acolhem mudança, em oposição a outras que trazem marcas do passado.

A reforma urbana realizada na Praça dos Mártires (Passeio Público) é nesse sentido paradigmática, fazendo parte de uma proposta mais ampla de intervenção no Centro Histórico da cidade de Fortaleza, situada no Nordeste do Brasil. Integra um dos projetos da Prefeitura Municipal de Fortaleza visando produzir a “requalificação” do seu centro histórico.

A Praça dos Mártires, mais conhecida como Passeio Público, é uma das mais antigas da cidade, datada aproximadamente de 1850. Trata-se de um equipamento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) que, no final do século XX, passou a ser considerado “degradado” devido à deterioração de sua estrutura física e utilização do espaço, principalmente, por prostitutas para práticas de comércio sexual. A Praça tornou-se, entretanto, em 2007, alvo de projeto de “requalificação”, executado por gestores da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) e Coordenação do Patrimônio Histórico Cultural (CPHC), fazendo parte

1 Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Fez pós-doutorado em Sociologia pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, e pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS). Atualmente é professora titular da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do CNPq nível I. É membro da coordenação acadêmica da área de ciências sociais da CAPES. Foi vice-presidente (2005-2007) e presidente (2011-2013) da Sociedade Brasileira de Sociologia. Foi membro da Diretoria da ANPOCS. Atualmente, representa o Brasil na diretoria da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS). ialencar21@uol.com.br

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Sociologia e Graduado em Ciências Sociais pela UFC. Foi bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), no projeto de pesquisa “A cidade no discurso eleitoral: rituais e agentes de campanha”, coordenado pela professora Irllys Barreira e, atualmente, é pesquisador do Laboratório de Estudos de Política e Cultura (Lepec/UFC). willams-ribeiro@hotmail.com

das reformas pensadas para o Centro Histórico de Fortaleza. Eventos e atividades foram acionados no local com objetivos de substituir alguns usuários de espaços considerados patrimônio da cidade, buscando atrair turistas e moradores de classe média.

A Praça do Passeio Público já era tombada no âmbito federal e estadual, passando a ser reconhecida também pela Prefeitura Municipal por sua importância histórica e social para a cidade e reafirmada como patrimônio em 2006. Neste mesmo ano, o Passeio Público foi integrado ao projeto “Ícones de Fortaleza” que consistia na avaliação do local e encaminhamento de propostas de reforma. A praça também foi incluída na pauta de discussão da Secretaria Extraordinária do Centro (SECE) que visava criar projetos e elaborar propostas para (re)funcionalizar sua utilização.

O presente texto pretende refletir sobre as intervenções e concepções que circundam o tema da “requalificação”, associadas aos valores e representações sobre a cidade de Fortaleza, tomando como referência empírica a Praça do Passeio Público.

A “requalificação” do Passeio Público: “em nome do patrimônio”³

As primeiras discussões em torno da “requalificação” do Passeio Público iniciaram-se na sede da Secretaria Extraordinária do Centro (SECE) em agosto de 2006. Participaram também representantes das seguintes instituições: Instituto de Pesquisas Américo Barreira (IPAB), Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), Associação Comercial do Ceará (ACC), Colégio Militar de Fortaleza (CMF) e Movimento Amigos do Centro. Cada instituição apresentou projetos ou propostas para a utilização do espaço.

QUADRO 1 – Principais projetos postos em pauta de discussão para a “requalificação” do Passeio Público de Fortaleza

INSTITUIÇÃO	PROJETO	OBJETIVO
Instituto de Pesquisas Américo Barreira (IPAB)	Projeto Passeio Novo	“Redinamizar a frequência e o uso do espaço do Passeio Público através de uma reconfiguração, no que diz respeito à infraestrutura e a promoção de ações de valorização da importância histórica deste local para a cidade de Fortaleza”.
Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR)	Não apresentou projeto, ficando para outra ocasião.	Não apresentou projeto, ficando para outra ocasião.
Associação Comercial do Ceará (ACC)	Passeio Público: Resgate Histórico e Cultural	“Tornar o Passeio Público uma área de convivência social [...]. Para Tanto a Associação Comercial do Ceará [...], responsabiliza-se pela conjugação de esforços e atração de parceiros para a realização deste objetivo”.
Colégio Militar de Fortaleza (CMF)	Projeto de Revitalização da Praça do Passeio Público	“Divulgar a história da praça através de eventos culturais que transformem o local em constante ponto de encontro agradável e seguro, não só para os fortalezenses, mas também para os turistas, o que certamente contribuirá para o enriquecimento da cultura cearense e, ainda, ajudará revitalizar o centro velho de nossa cidade.
Movimento Amigos do Centro	Memorial dos Mártires: Confederação do Equador no Ceará e Memorial do Patrimônio de Fortaleza: Miguel Ângelo de Azevedo Nirez.	Não apresentou projeto, ficando para outra ocasião.

Fonte: Criado por Willams Lopes, a partir de cópias dos projetos.

³ “Em nome do patrimônio” é uma expressão que faz referência ao discurso dos gestores que justificam todas as suas ações e mecanismos ativados no fato do Passeio Público ser considerado patrimônio da cidade.

Entre os principais projetos para a “requalificação” do Passeio Público estão os descritos no Quadro 1. De forma geral, todas as propostas convergem para os seguintes eixos: 1) As ações envolvem o poder público e outros parceiros, seja da iniciativa privada, da rede hoteleira ou de instituições acadêmicas como a Universidade Federal do Ceará; 2) Reforma da infraestrutura da praça e superação de problemáticas como ausência de segurança, iluminação inadequada, desordenamento de estacionamento para ônibus turístico, abandono do quiosque etc; 3) Ações com o objetivo de redinamizar os usos da praça, torná-la um espaço de integração, sociabilidade e lazer a partir do enfrentamento de questões como o “abandono, inadequação do uso, marginalidade e desconhecimento por parte da população”.

Cada projeto com suas respectivas propostas e concepções sobre o local apresentava também um diagnóstico da situação em que a praça se encontrava. Segundo o IPAB, órgão ligado à Câmara Municipal de Fortaleza, foi a falta de investimento em infraestrutura e ausência de políticas públicas para a dinamização dos usos do espaço que contribuíram, “[...] nas duas últimas décadas do século XX, para que este [a praça do Passeio Público] se tornasse ponto de personagens ‘marginais’, que utilizam o espaço para a prostituição, tráfico de drogas e assaltos, a qualquer horário do dia ou da noite”. Já para os alunos e coordenadores do projeto elaborado pelo Colégio Militar, a história da praça é desconhecida para a maioria dos habitantes da cidade. Devido à insegurança, consideram que muitos turistas e fortalezenses a veem apenas das janelas dos ônibus. É um lugar que “serve de abrigo a todo tipo de delinquência”.

É importante ressaltar que nos projetos (exceto o do IPAB) há uma ausência de referência sobre a presença da prostituição, tão marcante ao longo dos anos no Passeio Público. As propostas são lançadas sem que haja uma discussão sobre as frequências consideradas indesejadas, tais como moradores de rua e prostitutas. As novas ideias parecem sugerir o desejo de um público intelectualizado, de classe média e alta que substituiria “antigos” usuários para os quais parece não haver outra solução senão a sua expulsão.

Após outras reuniões que ocorreram no âmbito da SECE e da Secultfor, deu-se o prosseguimento ao processo de “requalificação” do Passeio Público. Segundo o Jornal Diário do Nordeste⁴, em outubro de 2007 foi investido um total de R\$ 800 mil para a reconfiguração urbanística, arquitetônica e paisagística da praça. Os investimentos foram em parte da Prefeitura (que conseguiu R\$ 150 mil com o PRODETUR/NE – Programa de Desenvolvimento do Turismo) e outra parte de empresas privadas (VASCONCELOS, 2008). Do valor total, R\$ 45 mil foram doados em tinta e grama pelo Instituto Cor da Cultura. Após a reinauguração do Passeio Público, este Instituto promoveu o evento Casa Cor no Museu da Indústria, localizado defronte ao Passeio Público, utilizando a praça como ante-sala para o evento. A praça, ao se adequar à demanda de um evento no qual se apresentam as principais tendências mundiais de decoração e arquitetura, torna-se também sugestiva de um consumo decorativo alçado a categoria de mercadoria. Como afirma Leite (2002), mais de um século depois, essas intervenções no patrimônio retomam o princípio higienizador de Haussmann, de assepsia e limpeza urbana para adequar as cidades às novas demandas.

A reforma do piso, dos bancos, do conjunto de esculturas, fontes, jarros e uma nova iluminação fizeram parte das modificações ocorridas na estrutura física do Passeio Público, visando recompor sua dimensão “histórica”. Também, o processo de ativação do patrimônio cultural por meio de projetos de “requalificação” visava dar nova funcionalidade aos espaços públicos e atrair (novos) usuários a partir de uma programação semanal de atividades tais como eventos públicos, atrações culturais e roteiros históricos. A partir de 2007, a Secultfor se tornou o principal órgão responsável em desenvolver atividades que dessem outra funcionalidade para o espaço. As iniciativas procuravam reativar antigos sentidos perdidos no tempo como os de espaço histórico, cultural e de lazer destinado às famílias e a outros usuários.

Enquanto no início do século XX, período da *belle époque* fortalezense, as políticas urbanas tinham em seus objetivos um viés de promoção da saúde a partir do incentivo a caminhadas e práticas de exercícios no espaço público (Ponte, 1993), as iniciativas atuais procuram promover e funcionalizar espaços para um consumo cultural e gastronômico. Segundo Jacques (2008), há um processo de espetacularização dos bens culturais, nos quais os mesmos são reduzidos a mercadorias e nesse processo é dada uma importância maior ao objeto a ser comercializado do que às reais necessidades da coletividade que o produziu.

4 Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?Codigo=484391>, [consultado em 9-6-2011].

Com base na leitura de Sennett (1998) é possível concluir que o desenvolvimento do capitalismo moderno e a nova “vida pública” diminuíram a importância de centros e antigas praças como espaços de referência para o convívio social. As políticas urbanas funcionalizaram os espaços públicos de tal forma que os “vazios urbanos”, como mostra Meneguello (2009), são vistos como uma

doença a ser sanada, um erro a ser corrigido, um dano urbano. Todos criticam o sub-aproveitamento do espaço urbano, e propõe grandes “gestos” que re-simbolizem esses lugares. São áreas de oportunidade de desenvolvimento econômico, de reestruturação urbana, de transformação da cidade, de locais possíveis para investimentos (2009: 131).

As cidades modernas se apropriam do modelo de gerenciamento de uma empresa em que seus agentes atuam dentro de um mercado (Vainer, 2002). O patrimônio histórico se torna sua mercadoria, numa coisa a ser vendida, comprada e destinada a um consumidor específico. Neste sentido, os projetos de “requalificação” tanto do Passeio Público quanto de outros lugares movimentam uma série de elementos estratégicos como narrativas, gestores públicos e rituais para alcançarem o objetivo de definir uma (nova) funcionalidade. Considerando a relação entre práticas sociais e mediações junto à cidade é importante identificar quais elementos estratégicos se apresentaram no processo de “requalificação” do Passeio Público e quais mecanismos foram ativados “em nome do patrimônio”.

As narrativas

Os textos informativos relacionados aos projetos de intervenção apresentam normalmente propostas que parecem pensar o espaço urbano como uma *tabula rasa*, uma “folha de papel em branco”. O objetivo de atrair usuários é apresentado como se os mesmos inexistissem nos lugares em que novas atividades são realizadas. O próprio termo “revitalização” utilizado em algumas intervenções soa popularmente como a inexistência de vida, e também (é o mais correto afirmar) como a não consideração das práticas anteriormente realizadas.

As novas atividades, eventos e atrações planejadas passam a integrar o “circuito” de atividades culturais da cidade. O “circuito” consiste na oferta de determinados serviços por este equipamento visando possibilitar o exercício da sociabilidade por meio de encontros entre indivíduos com os mesmos interesses, códigos e valores sociais (Magnani, 2002). Panfletos, livretos, notícias nos jornais de maior circulação na cidade e propagandas televisivas da gestão municipal são os principais meios de divulgação.

As narrativas⁵ enunciadas pelos meios de comunicação, entendidas no sentido de Benjamin (1985) como relatos orais, remetem a uma mudança na configuração socioespacial da praça relacionada a uma nova forma de utilização com a presença de usuários e de seguranças. Como se percebe no panfleto divulgado pela primeira gestão de permissionários do quiosque, recebido em pesquisa de campo⁶, além de divulgar os serviços oferecidos no quiosque localizado na praça, o panfleto tem uma informação central: “No mais bonito e agradável local do centro da cidade. E o mais importante: segurança total (Guarda Municipal)”.

Em muitas narrativas enunciadas após a “requalificação”, há uma mensagem que se repete: “Aqui é seguro”, “Você pode passear tranquilamente” e “Agora tem seguranças”.

O objetivo dessas narrativas é o de criar uma nova imagem para a praça, em contraposição ao “estigma” de lugar perigoso e de prostituição. Além disso, o panfleto nos mostra uma ativação do patrimônio por meio do lazer, com expressões como “Feijoada, com música ao vivo” e apelos genéricos tais como: “Promovemos eventos”.

5 Para a utilização do conceito de narrativa para pensar representações sobre as cidades contemporâneas, ver BARREIRA, Irls. (2013), *A cidade como narrativa*, Lisboa, ICS.

6 A pesquisa de campo que serviu de subsídio a este texto foi feita por Willams Lopes como parte de sua dissertação de mestrado (Lopes, 2013). Integra também a pesquisa do Lepec sobre Cidade e Patrimônio, que faz parte do objeto de investigação da professora Irls Barreira, no contexto da bolsa de produtividade em pesquisa financiada pelo CNPQ.

Outra narrativa foi amplamente enunciada por meio de uma propaganda televisiva da gestão municipal “Fortaleza Bela” sobre a “revitalização” do patrimônio⁷. A propaganda apresenta o depoimento de um professor, guia de turismo e residente no Centro sobre a “nova etapa” do Passeio Público:

[...] Como professor, eu comecei a descobrir que o Centro era uma sala de aula permanente. Eu sempre tive essa esperança de que as coisas iriam melhorar pra cá, pra região central e, de um modo especial, para o Passeio Público. Então, hoje as pessoas chegam e tem ali um chorinho, uma feijoada, tem uma contação de história, tem jogo de xadrez. Todo domingo a gente vem pra cá, estende uma manta, ela [a esposa] fica na internet, eu dou uma olhada no jornal, a gente passeia com o nosso filho. As pessoas elas... Elas saem daqui com um encantamento reforçado. Viver isso, essa nova etapa é realmente a realização de um sonho pessoal.

Segundo os gestores do patrimônio em Fortaleza, esta propaganda impulsionou ainda mais as atividades realizadas na praça. O depoimento do professor é acompanhado de imagens de prédios históricos como o Paço Municipal, Sobrado Dr. José Lourenço e, também, de eventos, festas de aniversário, seguranças, crianças e pessoas com equipamentos eletrônicos na praça. O próprio professor apresenta-se num piquenique realizado com a esposa e o filho num domingo pela manhã.

Já num programa de televisão local intitulado “Gente na TV”, o apresentador Nelson Fragata apresenta a matéria “Lazer e Feijoada no Passeio Público”. Ao introduzir a matéria afirma: “Passeio Público ganhou mais vida e alegria com os novos frequentadores e uma programação mais muito, muito especial”⁸. A mudança na configuração social do Passeio Público é enunciada por intermédio das novas propostas de utilização do espaço, como a divulgação do projeto Sol Maior (a Feijoada) nas reportagens de televisão, notícias de jornais e livretos, como o “Cultura de Bolso”⁹ que apresenta o “circuito” cultural da cidade.

SOL MAIOR. Instrumentistas experientes e novos talentos do cenário cearense se apresentam todos os sábados no Passeio Público, por volta do meio dia. Um momento de lazer à sombra das árvores centenárias e degustando a feijoada e as delícias do Quiosque (Secultfor, 2012).

Uma das primeiras iniciativas que integram as narrativas da história da praça no contexto das reformas para a “requalificação” foi a criação em 2007 de um cartilha pelos alunos do Colégio Militar de Fortaleza (CMF). A cartilha “Passeio Público: histórias e perspectivas” contém textos de quatro estudantes do oitavo ano sobre a história, os ícones e o contexto no qual surgiu a praça. Os textos exaltam as iniciativas de “requalificação” dos espaços, rememoram antigos usos perdidos no tempo e procuram dar uma credibilidade perdida ao longo dos anos.

Os jornalistas constituem uma das categorias importantes de narradores do patrimônio registrando notícias veiculadas pelos jornais antes, durante e depois da política de “requalificação”. As narrativas provenientes deste meio de comunicação constroem significados sobre a praça e, às vezes, os jornalistas se apresentam como detentores de uma informação verídica, porque baseada em “fatos”.

Nem de longe o reforçado telhado e o cheiro de tinta nova nas paredes lembram fezes, urina, preservativos, pedaços de tecido embebidos de sangue e pontas de cigarro que antes denunciavam as velhas finalidades de um espaço que, *na verdade*, sempre foi potencialmente cultural (Jornal Diário do Nordeste, 6/10/2007, grifo nosso)¹⁰.

7 Esta propaganda encontra-se disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rgd4Po6XqCo>, [consultado em 10-1-2013].

8 Esta matéria foi veiculada pela emissora TV Diário em 26 de janeiro de 2012, e pode ser verificada no seguinte *link* <http://www.youtube.com/watch?v=5UuZkaTg5Vk>, [consultado em 21-6-2012].

9 Cultura de bolso é um livreto com a programação cultural mensal da cidade planejada pela Secultfor.

10 “Reforma do Passeio Público”. (2007), *Jornal O Povo Online*, Fortaleza. Disponível em <http://www.opovo.com.br/opovo/opiniaio/734980.html>, [consultado em 24-4-2012].

As gravações de imagens realizadas pelas equipes de produção apresentam famílias se confraternizando num café da manhã, outros num piquenique, indivíduos utilizando equipamentos como *notebooks* e celulares, de acesso gratuito à internet, ou seja, um ambiente familiar, harmônico e seguro. A dimensão familiar de ocupação da praça também se encontra registrada em cartão postal no passado, momento em que a frequência era marcada pela presença de famílias de classe média alta (Barreira, 2008).

Em suma, segurança, novos usos e um novo público fazem parte das principais narrativas veiculadas sobre o Passeio Público por meio dos vários meios de comunicação.

Gestores do patrimônio

- Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor)

A principal instituição responsável pelo processo de “requalificação” do Passeio Público é a Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) composta por uma equipe de historiadores, arquitetos e advogados. Ao indagá-los sobre o porquê da escolha do Passeio Público para ser requalificado, um historiador da Coordenação de Patrimônio Histórico Cultural (CPHC) se referiu a imagem de “degradação”, devido ao “descaso do poder público”, e a intensa atividade de prostituição.

Olha, o Passeio Público foi escolhido porque estava num estado deplorável, e era uma reclamação da sociedade de Fortaleza, [...] um dos fatos foi esse, que o Passeio tava muito degradado, inclusive os jardins que estavam sem a irrigação suficiente, e é um ponto que toda Fortaleza embora não frequente, mas todo mundo admira (Entrevista concedida a Willams Lopes, por um historiador do CPHC em Maio de 2010).

Percebemos nas entrevistas realizadas com os gestores que o termo “requalificação” é aplicado de forma acrítica, merecendo uma contextualização e problematização. Ao indagá-los sobre o que significa requalificar um espaço público, eles apenas apresentavam este termo em contraposição ao “revitalizar”. Afirmavam que requalificar é um termo melhor de ser empregado do que revitalizar, pois o Passeio Público sempre teve vida e precisava apenas de mudanças na forma de utilização do espaço.

Muitos termos adotados pelos projetos urbanísticos são acompanhados do prefixo RE. Este prefixo indica a repetição de algo existente, mas com uma nova forma. Segundo Vasconcellos e Mello, o RE é um “voltar a”, uma tentativa de refazer uma relação temporal “(...) que considera (ou finge considerar) a inclusão do *tempo* na análise do espaço” (2006: 63, grifo do autor). Implícita em todos os REs está a importância dada à recuperação dos centros urbanos e à preservação de áreas consideradas históricas. Vargas e Castilho explicam que recuperar o centro das metrópoles significa

[...] melhorar a imagem da cidade que, ao perpetuar a sua história, cria um espírito de comunidade e pertencimento. Significa também promover a reutilização de seus edifícios e a consequente valorização do patrimônio construído; otimizar o uso da infra-estrutura estabelecida. Dinamizar o comércio com o qual tem uma relação de origem; gerar novos empregos (2006: 4-5).

Os gestores são elementos estratégicos na “requalificação” do patrimônio, quando indagados sobre suas funções, declararam ser os responsáveis por autorizar, selecionar e elaborar os projetos que visam (re)funcionalizar o Passeio Público. Assim, quando concluíram a reforma em 2007, criaram o Fórum Amigos do Passeio Público que reunia instituições e pessoas interessadas em cuidar do patrimônio para trocar ideias e elaborar propostas para o uso do espaço.

O Fórum Amigos do Passeio Público não teve continuidade devido à diminuição do número de pessoas que participava das reuniões. Alguns meses depois, a Organização Não-Governamental (ONG) Mediação dos Saberes foi contratada pela Prefeitura para realizar atividades culturais, tendo em vista dinamizar os usos da praça. As atividades desenvolvidas foram: instalação de mesinhas e tabuleiro de xadrez, apresentação de gru-

pos teatrais, aulas de ioga, *shows* musicais de chorinho e piano. Contudo, o contrato foi suspenso no primeiro semestre de 2008 por conta da insuficiência de participantes. Cabe lembrar que durante este período a praça se tornou “palco” de eventos pontuais promovidos tanto pela iniciativa privada como pela Prefeitura¹¹. Outros eventos elaborados como o Projeto Sol Maior e o Piquenique no Passeio também foram acionados como elementos estratégicos de uso do local.

Tais projetos de “requalificação” elaborados pela Secultfor trazem à discussão concepções e sentidos atribuídos aos equipamentos classificados como parte do patrimônio urbano. De acordo com o texto informativo em seu *site*, os gestores da Secultfor não compreendem o patrimônio histórico cultural de uma maneira diferente da proposta pelos estudiosos dessa área.

O Patrimônio Cultural do Município de Fortaleza é constituído pelos bens de natureza material e imaterial, móveis e imóveis, públicos e privados tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade fortalezense e que, por qualquer forma de proteção prevista em lei, venham a ser reconhecidos como de valor cultural, histórico e natural, visando sua preservação¹².

Em suma, o próprio conceito de patrimônio cultural refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que representam a cultura de um grupo ou de uma sociedade (Lemos, 2004). Em documento referente às regras de uso do espaço, os gestores do patrimônio afirmam que o “Passeio Público é de todos”¹³. Embora esta apresentação tenha uma conotação democrática, a realidade se torna mais complexa ao analisar intervenções urbanas em espaços de convívio de indivíduos heterogêneos, múltiplos e variados.

- Os permissionários

Os permissionários ou locatários do quiosque são considerados gestores do patrimônio por serem responsáveis em desenvolver atividades pautadas nas propostas de “requalificação” e regras de uso do Passeio Público. Obtiveram uma licença para trabalhar no local por meio de uma seleção realizada pela Secultfor, com a qual possuem uma relação de parceria. A (re)instalação do quiosque, atualmente denominado “Café Passeio”, visa desenvolver atividades artístico-culturais e de comércio alimentício. Várias gestões de permissionários já aconteceram, sendo a última considerada “equitativa” por ter sido uma gestão constante nas atividades realizadas e ter desenvolvido ações comerciais e culturais. Trata-se de uma gestão que diversificou o cardápio, dinamizou o horário de atendimento e, até quando a Secultfor não tinha mais recursos para garantir as apresentações musicais, os permissionários contrataram por conta própria músicos para realizar as apresentações.

- O administrador da praça

Soma-se às atividades dos permissionários da Secultfor, a presença de um “administrador” que cuida da segurança patrimonial, tratamento paisagístico, limpeza etc. Ele coordena as atividades dos outros elementos estratégicos e facilita a comunicação entre os mesmos, além de ser considerado um fiscalizador da “ordem” almejada pela Secultfor.

Nós trabalhamos aqui com a equipe da Guarda [Municipal], da COPSERV, a PM [Polícia Militar] e a ECOFOR. [...] quando eles querem ir no banheiro, querem uma água, eu tenho que está aqui. As chaves ficam comigo. [...] aí tem que ter um administrador, pra cuidar dessas árvores. Às vezes caí uma... Como caiu uma árvore ali, na mesma hora eu liguei pra EMLURB [Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização], ela veio e cortou. Tem que ter um administrador (Paulo Cesar, Entrevista concedida ao co-autor Willams Lopes, em janeiro de 2012).

11 Eventos pontuais como o XIX Congresso Brasileiro de Perinatologia; o Dia Nacional da Cultura; um desfile de moda realizado pelo Projeto Palco Fashion Weekend e outros.

12 Definição extraída do *site* da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Disponível em http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&task=view&id=10482&Itemid=119, [consultado em 16-12-2011].

13 Documento intitulado “Procedimentos de proteção e guarda da Praça dos Mártires (Passeio Público)”, arquivo da Secultfor.

Embora a Coordenação do Patrimônio Histórico e Cultural (CPHC) afirme que a presença de administradores nas praças de Fortaleza era comum algumas décadas atrás¹⁴, não é possível deixar de entender a presença de um administrador como apropriação do modelo de gerenciamento de uma empresa, tal como pensou Vainer (2002) a respeito da cidade moderna. Em certos aspectos, o leitor já pode perceber como a gestão do patrimônio se torna comparável à gestão de uma empresa com uma organização racional com administrador, horário e regras.

Encarregados da disciplina: os guardas municipais

“No mais bonito e agradável local do centro da cidade. E o mais importante: segurança total (Guarda Municipal)”. A informação veiculada nos panfletos já fazia referência aos indivíduos considerados pelos gestores, permissionários, usuários como um dos elementos estratégicos mais importantes na “requalificação” do Passeio Público.

É primordial, é essencial, porque as pessoas quando vem pro Passeio, a primeira coisa que elas olham é a Guarda [Municipal] e já se sentem seguras de haver dois, três guardas, às vezes até uma patrulha quando tem um evento como esse do bloco [de pré-carnaval] que se apresentou no domingo. Tinha uma patrulha com mais de seis guardas aqui, então [...] não pode deixar de faltar (Entrevista com permissionário do “Café Passeio”, em fevereiro de 2010).

As pessoas perguntam logo como é que tá a segurança, é a primeira coisa que eles perguntam: tem segurança aqui? Tem, Eu mostro a guarda, mostro a PM, à noite tem segurança armada [...]. O foco deles é a segurança, é muito louco, é a primeira coisa que perguntam (Entrevista com Paulo César, em janeiro de 2012).

A segurança é muito importante, porque antigamente não podia ficar sozinho esta hora. Antes você sentava as prostitutas eram tudo em cima. Incomodando... A polícia inibiu, elas pediam um café, um cigarro, para fazer programa (Raimundo Nonato, 47 anos, usuário do Passeio Público).

Segundo dados da Prefeitura de Fortaleza¹⁵, a criação de uma Guarda Municipal foi autorizada a partir da Constituição de 1988. Os guardas municipais teriam como principais atribuições prevenir a violência, a criminalidade, garantir o cumprimento das leis e proteger o patrimônio, bens e serviços do município. O papel de segurança patrimonial levou os guardas municipais a atuarem principalmente em espaços públicos, pois deveriam promover a segurança em praças, equipamentos de lazer, parques ambientais e outros.

A Guarda Municipal do Passeio Público é constituída diariamente por uma dupla de guardas, normalmente, um homem e uma mulher que trabalham das 6h30 às 18h30. Durante à noite, são seguranças armados que fazem a defesa patrimonial, sob gestão de uma empresa privada contratada pela Prefeitura.

Os guardas municipais costumam estar sempre atentos aos usuários e atividades desenvolvidas dentro da praça, circulam sempre no interior do logradouro e dão informações aos frequentadores. A praça é mediada por instituições de controle social verificando-se que os guardas utilizam durante o turno diário os seguintes instrumentos de trabalho: apito para avisos de atenção ou pedidos de ajuda; tonfa; “espargido” (*spray* de

14 Atualmente, apenas o Passeio Público e a Praça do Ferreira possuem “administradores”, pois somente estas duas praças estão ligadas à Secretaria Extraordinária do Centro. Informação concedida pela Coordenação do Patrimônio Histórico e Cultural (CPHC).

15 Informação extraída do *site* da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Disponível em <http://www.fortaleza.ce.gov.br/gmf>, [consultado em 12-11-2012].

pimenta)¹⁶; algemas e, em alguns casos, o *taiser*¹⁷ e também armas extras como canivetes.

No processo de “requalificação” do Passeio Público, a ação dos guardas municipais se revela como uma forma de disciplinarização do espaço, sendo um dispositivo e instrumento de poder (Foucault, 1979). Em relação aos espaços urbanos, a disciplina se manifesta como um tipo de organização do espaço. Assim, o poder disciplinador dos guardas municipais se expressa nas práticas e relações sociais com os usuários das praças nos equipamentos públicos. Os encarregados da disciplina no Passeio Público entrevistados¹⁸ declararam que o seu objetivo é, em síntese, inibir a presença dos moradores de rua, das prostitutas, tirar o “estigma” de uma praça como ponto de droga e prostituição e torná-la um “ambiente familiar”.

Com relação aos moradores de rua, observamos abordagens mais incisivas. Para os guardas municipais, um morador de rua, maltrapilho ou pedinte que entra na praça é visto como um possível assaltante ou um indivíduo que vai “incomodar” os outros usuários. Normalmente, os guardas “pedem” para os pedintes se retirarem da praça quando eles transitam entre os eventos realizados nos finais de semana ou quando querem dormir nos bancos. Bater nos bancos em que estão deitados, falar com tom de voz mais alto e provocar a retirada são práticas que estão inclusos na abordagem desses operadores da disciplina. O guarda municipal Edilson relata: “Uma vez foi um casal e uma criança, colocaram um pano no chão e se deitaram, depois trouxeram um papalão, aí nós chegamos junto e disse: ‘O que é isso aí? Num pode não’”.

Além de inibir a presença de moradores de rua, as prostitutas são também foco da atenção dos encarregados da disciplina. A guarda municipal Verônica afirma identificar uma prostituta “pela aparência, pelas roupas e porque são mulheres que passam encarando os homens”. Verônica declara: “Nós observamos, se tiver algum idoso [público-alvo] sentado sozinho, nós nos aproximamos se elas tentarem chegar perto. É proibido abordar as pessoas, elas já sabem disso”. Por isso, as tentativas de marcar um programa burlando a ordem estabelecida entre as prostitutas e seus clientes dentro da praça são realizadas em um curto intervalo de tempo.

A frequência das prostitutas aqui na praça é de no máximo cinco minutos, elas num entram mais aqui não, só tem dois travecos [travestis] da favela que de vez em quando aparecem. Elas mesmas ficam incomodadas porque o pessoal que frequenta aqui é outro nível. Normalmente, entram no portão em frente à Santa Casa e saem no outro ali [em frente à Rua Major Facundo] (Entrevista com guarda municipal Edilson, em janeiro de 2012)¹⁹.

Quando alguma das “meninas”²⁰ entra na praça, os guardas ficam observando todo o trajeto para saber se elas vão abordar algum homem. Se isso acontece, eles se aproximam e as mandam se retirar. Assim, as abordagens realizadas com as prostitutas pelos guardas visam afastar possíveis clientes que ainda as procuram no ambiente da praça e, também, levá-las a não se sentirem mais à vontade para usufruir do espaço.

Todas as ações dos encarregados da disciplina visam afastar os indivíduos considerados “indesejados”, pois as

16 “Espargido” significa molhado, borrifado. Mas, entre os guardas municipais é um termo utilizado para referir-se ao *spray* de pimenta, um óleo de pimenta natural que atua sobre áreas sensíveis da pele e em contato com as mucosas e os olhos é muito doloroso.

17 O *taiser* é uma arma de eletrochoque utilizada para imobilizar imediatamente uma pessoa por meio de uma descarga elétrica de alta tensão. É uma arma não letal. Em Fortaleza, a utilização do *taiser* pelos guardas municipais gerou uma polêmica divulgada principalmente pela imprensa local. Nesse período, o Ministério Público Estadual se propôs a realizar uma investigação para descobrir se o equipamento traria ou não riscos à saúde das pessoas atingidas. Disponível em <http://sobrevivenciapolicia.blogspot.com.br/2011/02/polemica-taser-no-ceara.html>, [consultado em 12-11-2012].

18 No contexto da pesquisa de mestrado de Willams Lopes, foram realizadas entrevistas com seis guardas municipais, três em 2010 com Eduardo, Simone e Adriano, e outras três com Edilson, Verônica e Afonso em janeiro de 2012. Optamos por manter o anonimato dos informantes, os nomes apresentados são fictícios.

19 A favela a qual o informante se refere é a Moura Brasil, situada atrás da Estação João Felipe, próxima ao Passeio Público. A maioria dos moradores de rua, usuários de drogas, assaltantes e os dois travestis, inclusive, que frequentavam a praça residem na favela.

20 Categoria nativa utilizada para identificar as mulheres prostitutas.

práticas de comércio sexual e os constantes furtos realizados ao longo dos anos na praça construíram historicamente um “estigma”, uma imagem de espaço marginal, inseguro e distante do padrão de moralidade dominante. Os encarregados da disciplina associam “todos os problemas” do Passeio Público à presença de prostitutas, moradores de rua e pedintes que utilizaram o espaço ao longo dos anos e ainda transitam pelo mesmo. Evitar tais indivíduos considerados “indesejados” se apresenta como a solução no processo de “requalificação”. Ainda segundo Afonso, “se não afastasse elas, não mudaria nada na praça [...]. A imagem da praça era prejudicada, elas traziam insegurança. Afastamos os pedintes também que aproveitavam pra assaltar”.

Contudo, evitar ou expulsar as “meninas” da praça não pode ser visto como uma prática dominante. Marlene, prostituta que ainda utiliza a praça para marcar seus encontros, afirma que os guardas municipais sabem sobre sua profissão, mas “permitem” suas abordagens a possíveis clientes por ela tratar-se de uma pessoa comportada e discreta. Marlene declara não chamar tanta atenção, seu vestuário é diferente das outras “meninas” e costuma ficar sentada de forma tranquila nos bancos da praça.

Verifiquei nas conversas informais com Marlene como a prática de marcar ou não programas entre prostitutas e clientes é negociada também entre prostitutas e encarregados da disciplina. O guarda municipal Adriano, que trabalhou na praça como segurança num período à noite, afirmou que algumas “meninas” se aproximavam e pediam permissão para marcar programa com cliente na praça e, em alguns momentos, ele respondia apenas dizendo que não queria atender nenhuma ocorrência de assalto ou algo mais complicado que interferisse no seu horário de trabalho, deixando as “meninas” entrar na praça. Percebo que a proibição é, em alguns casos, negociada e também que o padrão de moralidade exaltado ao buscar tirar o “estigma” é totalmente situacional. A expulsão dos usuários considerados “indesejados” se caracteriza também pela definição de novos usos que visam atrair outros usuários. Para gestores, permissionários e encarregados da disciplina, as práticas “antigas” não podem conviver com as práticas consideradas adequadas que visam tornar o Passeio Público um ambiente cultural, de lazer destinado aos turistas e às famílias.

Ícones do patrimônio

Os ícones do patrimônio podem ser entendidos como os objetos situados no interior da praça aos quais é atribuído valor material e simbólico. Embora cada um dos ícones não tenha sido tombado especificamente pelo IPHAN, todos se tornam passíveis de proteção na medida em que estão inseridos no ambiente do Passeio Público. Há assim uma articulação entre o material e o simbólico que proporciona ao lugar um ar bucólico e semelhante a um museu, em que várias peças estão dispostas para contemplação. A partir de observação empírica e análise da “Planta Baixa da Praça”²¹, encontram-se bustos, esculturas, fontes, árvores, coreto, quiosque, lago artificial e caixa d’água. O quiosque pode ser considerado o núcleo da sociabilidade “desejada” pela política de “requalificação”.

Dentre os ícones da praça, o Baobá é o que alcança maior destaque literalmente. Trata-se de uma árvore centenária, de origem africana, que foi plantada no interior da praça em 1910, muito alta e de tronco largo. “Essa árvore aqui é o cartão-postal do Passeio Público” e “Todo mundo quer tirar foto no Baobá” são expressões comumente proferidas pelo administrador da praça, pois muitos usuários quando entram em grupo ao se aproximarem costumam dar as mãos, fazer um círculo, abraçá-lo e tirar fotografias. Junto ao Baobá, encontra-se também um grande conjunto de árvores dispostas no Passeio Público conhecidas popularmente como mungubeira, macaúba, oiticica, jucazeiro, pau d’arco roxo e outras.

O Baobá não é tombado especificamente, mas sua proteção faz parte das práticas preservacionistas direcionadas à praça de maneira geral²². É interessante destacar que os movimentos em defesa do meio ambiente também foram importantes para a ampliação do conceito de patrimônio, não somente a cultura, mas a natureza também passou a fazer parte. “Já no fim da década de 1950, a legislação de proteção do patrimônio ampliava-se para o meio ambiente e para os grupos sociais e locais, antes preteridos em benefício da nacionalidade” (Funari & Pelegrini, 2006: 23).

21 A “Planta Baixa da Praça” está nos documentos do IPHAN: Pasta Preservação – Obras de Restauração.

22 Em torno dos ícones do patrimônio, existem alguns atores sociais presentes cotidianamente na praça. Os funcionários da Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (EMLURB) são os responsáveis por manter o ambiente sempre limpo e zelar por estes ícones. Alberto e Erivaldo são responsáveis pela limpeza do Passeio Público.

Rituais de patrimonialização

O quiosque²³ do Passeio Público foi central para pensar os rituais de patrimonialização ocorridos na praça. Estes são planejados pelos permissionários em parceria com a Secultfor e ocorrem, em sua maioria, em torno do quiosque. O “Café Passeio”, nome pelo qual é denominado, é um estabelecimento de comércio alimentício comparável aos cafés franceses, pelo fato de ter características semelhantes a bares e restaurantes, oferecendo cafés, lanches e refeições rápidas. Na praça, o quiosque também é diretamente envolvido em atividades artístico-culturais e procura se tornar um local de sociabilidade.

Entre as atividades, eventos e atrações planejadas pelo quiosque em parceria com a Secultfor alguns eventos se destacaram por terem sido constantes e agregarem grande quantidade de pessoas: a feijoada e o piquenique no Passeio. Estes eventos podem ser entendidos como rituais de ativação do patrimônio cultural na medida em que articulam um duplo processo social: um ato de legitimação que confere valor histórico, artístico e cultural ou simbólico a uma construção, objeto ou prática e a perspectiva de um “valor de uso” com exaltação de personagens e histórias consideradas significativas para a nação, dando-lhe um interesse local, nacional e internacional (Frias, 2000: 10).

Para além desta definição, os rituais de patrimonialização atribuem novos sentidos, valores e usos às formas de sociabilidade vigentes em lugares considerados patrimoniais, fazendo com que não somente a história oficial, mas também os conflitos e as negociações sejam contemplados.

Estudar um evento realizado no contexto urbano como ritual ou “processo ritual” (Turner, 1974) é desvencilhá-lo de qualquer motivação mística ou relação direta à religião e formas de expressão religiosa. Como será observado a seguir, não somente a Feijoada ou o Piquenique, mas todos os eventos realizados no decorrer desses anos, seja por iniciativa da Secultfor ou de particulares, são como cerimônias pautadas por objetivos, regras e procedimentos que contribuem para uma ordenação social e cultural de espaços urbanos.

- Feijoada²⁴ no Passeio Público

A Feijoada realizada no Passeio Público faz parte do Projeto Sol Maior, elaborado em 2008. Inicialmente, consistia na realização de apresentações de música instrumental por meio de acordeonistas nas sextas-feiras à tarde e, nos sábados, *shows* de saxofonista, baixistas, violonistas e guitarristas durante a feijoada.

Produzido pela parceria dos permissionários do “Café Passeio” com a Secultfor, a realização do evento pretendeu torná-lo mais do que um local de comércio alimentício, agregando também dimensões culturais. Desde o início, essa busca se expressa no adjetivo “tradicional” que acompanha o nome do evento em manchetes de jornais, panfletos e reportagens televisivas. A Feijoada ocorre todos os sábados, das 12h às 15h, e é o evento que teve mais continuidade no Passeio Público, pois ano após ano consolidou uma frequência de usuários na praça. Segundo gestores da Secultfor, todas as atividades realizadas durante a Feijoada devem ser ligadas à “cultura, educação e à família” e, assim, contribuir para a requalificação do Passeio Público. No evento, os indivíduos se distribuem²⁵ nas mesas espalhadas próximas ao quiosque. Durante a Feijoada se pratica o que pode ser denominado de “uso patrimonial”, o consumo de uma prática planejada pelos gestores de um patrimônio considerado “requalificado”, de acordo com as normas estabelecidas pelos mesmos. Além disso, a Feijoada pode também ser entendida como um “evento-território”, semelhante aos descritos por Osmundo Pinho (1996) ao pesquisar territórios e desigualdades raciais no Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador, Bahia. Segundo Pinho, o “evento-território” ocorre à medida que a identificação entre os indivíduos se dá na prática de territorialização

23 Quiosque é um termo que vem do francês *Kiosque* e significa pavilhão. É uma pequena construção de planta octogonal, aberta por todos os lados e erigida em lugares públicos.

24 Feijoada é um prato da culinária de países lusófonos, normalmente é preparada com feijão e carne de porco. Mas, aqui ela é também entendida como um evento, que procura reunir pessoas, no qual o principal prato a ser vendido (em outros casos, servido) é a feijoada.

25 Buscando sombra entre as árvores, os usuários conversam, sorriem, brindam, encontram amigos enquanto se ouve o som predominante da música instrumental nas apresentações, dos pássaros e, também, sentem a tranquilidade de um ambiente afastado da movimentação gerada pelas atividades comerciais no Centro de Fortaleza.

do espaço. Assim, o fato de “estar ou poder estar presente” na Feijoada é indicador de que os indivíduos partilham de interesses e objetivos semelhantes. O “evento-território” descreve um tipo de apropriação da praça de forma não substancializada, mas transitória e situacional.

Como num ritual, a cada sábado a Feijoada se repete com suas regras, procedimentos e práticas sociais. É como a cidade de Zirma, descrita por Calvino, considerada uma cidade “[...] redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente [...], para que a cidade comece a existir” (1990: 23). Desta forma, a Feijoada se torna um ritual em que símbolos são evocados e “usos patrimoniais” acontecem para que o Passeio Público possa existir.

- Piquenique no Passeio

O Piquenique no Passeio é outra atração planejada para a “requalificação” do Passeio Público. Elaborado em 2012, ocorre aos domingos pela manhã (9h às 12h) e consiste na produção de um momento de descanso para uns e diversão para outros. Para o Piquenique no Passeio, a Secultfor oferece uma programação infantil com apresentações de teatro de bonecos, espetáculo de palhaços, narração de histórias, e, além disso, incentiva os indivíduos a trazerem esteiras e toalhas para piquenique na grama, momento de leitura ou descanso.

O Piquenique foi uma atração amplamente divulgada numa propaganda de televisão produzida pela Secultfor²⁶. Os gestores desta instituição acreditam que este foi o motivo da ampla movimentação na praça aos domingos pela manhã. Pode ser considerada uma atração produzida tanto pela Secultfor quanto pelas iniciativas particulares, pois nesse dia são realizadas muitas atividades não vinculadas ao quiosque como aniversários, comemorações familiares, grupos de oração e leitura.

Desde cedo, pode-se encontrar muitas pessoas em família e/ou grupos de amigos se confraternizando em espaços específicos da praça, como a antiga Avenida Caio Prado, com objetos próprios: mesas, cadeiras, isopores, depósitos de lanches, garrafas de café etc. Grupos de pessoas realizam piqueniques na grama, outras utilizam a tranquilidade de alguns pontos da praça para leitura ou fazer orações. Já em outros pontos da praça como ao lado do quiosque, encontrava-se um fluxo de crianças muito grande andando de *skate*, patins e bicicleta. Em frente ao quiosque também ocorrem as atividades planejadas pela Secultfor, normalmente, iniciam às 10h e agregam um público de muitas crianças e adolescentes acompanhados de seus pais.

Como ritual, o Piquenique no Passeio apresenta procedimentos semelhantes ao da Feijoada, mas como não é um evento tão concentrado ao lado do quiosque e se espalha entre outros espaços da praça, levando seus participantes a se afastarem de qualquer indivíduo ou situação que demonstre perigo para a ordem estabelecida. Como exemplo, os participantes se sentem incomodados com um eventual morador de rua sentado num dos bancos ou um casal que circula dentro da praça “com abraços e beijos calorosos”, por remeterem à imagem anterior de lugar abandonado e de encontros entre homens e prostitutas.

O Piquenique exemplifica também regras estabelecidas que são negociadas em algumas situações. Existem regras oficiais para a utilização do Passeio Público que proíbem a entrada de animais ou a utilização de veículos não motorizados (bicicletas) dentro do espaço, mas “em nome da requalificação” e de um “ambiente familiar” se permite a realização dessas práticas pelos filhos de segmentos sociais considerados mais abastados. O Piquenique é mais uma proposta da política de “requalificação” que demarca as segregações existentes no espaço público, pois os indivíduos considerados marginalizados não são bem-vindos, nem possuem os códigos para consumir as atrações planejadas.

- Atividades culturais

A Feijoada e o Piquenique realizados no Passeio Público são as duas atividades mais frequentes, agregando maior quantidade de usuários na praça. Outras atividades culturais menos frequentes também podem ser entendidas como rituais, resultando em valorização do patrimônio simbólico, tais como apresentações teatrais, aulas de *Tai Chi Chuan* e rodas de capoeira.

Todas as atividades ou atrações planejadas pela Secultfor, em parceria com outras instituições, convergem para um único objetivo: atrair público para a praça. Elas também são pautadas por regras de legislação patrimonial

²⁶Propaganda produzida pela Secultfor. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rgd4Po6XqCo>, [consultado em 10-1-2013].

e de uso do espaço. E, em algum momento de sua realização, seja inicial ou de agradecimento final, costumam fazer menção à “requalificação” do espaço.

Entre as atividades, constatamos rodas de capoeiristas, ponto de encontro para prévias carnavalescas, apresentações teatrais do Centro Cultural Banco do Nordeste (BNB), aulas de *Tai Chi Chuan* duas vezes na semana, guias de turismo para apresentar a praça, *Happy Hour* às sextas-feiras e os Ensaios Abertos em que grupos de música, teatro ou dança realizam apresentações domingos à tarde. Estas últimas atividades citadas sempre atraíram uma quantidade razoável de usuários para a praça, porém o público espectador fazia parte de uma rede de relação dos diretamente envolvidos nos eventos. Em várias apresentações era comum encontrar grupos de amigos ou familiares.

Em alguns momentos, percebemos que a lógica dos gestores da “requalificação” do Passeio Público é a de se apropriar de alguns “pedaços” da cidade que são constituídos de uma “[...] rede de relações que combinam laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas” (Magnani, 2002: 21) e descolá-los por um determinado período de tempo, do território e do espaço físico ao qual fazem parte para “requalificar” o lugar. Já que a praça não consegue realizar atividades e constituir “pedaços” no sentido de Magnani, os gestores tomam emprestado grupos de sociabilidade por um período, tendo em vista criar uma imagem de espaço sociável.

São atividades se caracterizam também como um “evento-território” por serem práticas pontuais baseadas em uma utilização transitória e situacional do local marcada por uma lógica de “montagem” e “desmontagem”. Quando se terminam as atividades culturais, simbolicamente tais “pedaços” vão embora e levam seus usuários e rede de relações.

- Eventos ou atividades particulares

Os eventos particulares não são promovidos pela Secultfor. Eles são valorizados pelos gestores e considerados desejáveis para a conservação do patrimônio, pois mesmo não tendo sido planejados de forma clara no projeto inicial de “requalificação”, contribuem para a dinamização do local.

Entre os acontecimentos ligados a públicos específicos destacam-se casamentos, festas de aniversário, lançamentos de livros, congressos e piqueniques. Esses eventos não fazem menção à “requalificação” da praça (exceto, os lançamentos de livros), e seus organizadores costumam ser livres de sanções ao descumprirem regras oficiais estabelecidas para a utilização da praça. Um exemplo significativo foi a realização do XIX Congresso Brasileiro de Perinatologia realizado na praça em 2007. Os guardas municipais Eduardo e Simone comentaram que os organizadores de tal evento fecharam os portões da praça, fazendo do espaço público um ambiente privado. Mesmo assim, nenhuma medida foi tomada nesta situação. Em outros eventos, percebo a presença irregular de animais e de uma intensa movimentação que contribui para a danificação da grama e das árvores. A maioria dos eventos particulares envolve atividades relacionadas à educação, como o lançamento de livros ou palestras que atraem uma grande quantidade de intelectuais e estudantes, ou famílias por meio de casamentos e comemorações de aniversários. Os espaços da praça tornam-se também cenários para *books* de casamento. Em síntese, a busca de retorno aos espaços da cidade por segmentos das classes médias e alta visa demarcar concepções e formas de uso do patrimônio, exprimindo tanto as profundas desigualdades sociais existentes na cidade, como sentidos que articulam memória e consumo na vida urbana contemporânea.

Referências bibliográficas

BARREIRA, Irllys. (2013), *A cidade como narrativa*, Lisboa, ICS.

_____. (2008), “Narrativas do olhar: Fortaleza em cartões postais”. In R. P. Leite (eds.), *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*, São Cristóvão, UFS.

BENJAMIN, W. (1985), *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense.

CALVINO, Ítalo. (1990), *As cidades invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras.

- FOUCAULT, Michel. (1979), *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal.
- FRIAS, A. (2000), “‘Patrimonialização’ da Alta e da Praxe acadêmica de Coimbra”. *Anais do IV Congresso Português de Sociologia*, Coimbra.
- FUNARI, Pedro & PELEGRINI, Sandra (2006), *Patrimônio Histórico e Cultural*, Rio de Janeiro, Zahar.
- JACQUES, Paola. (2008), “Cenografias e Corpografias Urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea”. *Revista Continuum*, São Paulo, Itaú Cultural, 5, pp.47-57.
- LEITE, R. (2004), *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*, Campinas, UNICAMP.
- _____. (2002) “Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp.115-134.
- LEMOS, C. (2004), *O que é patrimônio histórico*, São Paulo: Brasiliense.
- LOPES, F. W. R. (2013), *A “requalificação” do patrimônio: intervenções, estratégias e prática na Praça dos Mártires (Passeio Público) de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado, Fortaleza, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.
- MAGNANI, José Guilherme C. (2002), “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp.11-29.
- MENEGUELLO, C. (2009), “Espaços e vazios urbanos”. In C. Fortuna, R. Leite, Rogerio (eds.), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, Coimbra, Almedina.
- PINHO, Osmundo. (1996), *Descentrando o Pelô: narrativas, territórios e desigualdades raciais no centro histórico de Salvador*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- PONTE, S. (1993), *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha.
- SENNETT, R. (1998), *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, São Paulo, Companhia das Letras.
- TURNER, Victor. (1974), *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis, Vozes.
- VAINER, C. (2002), “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano”. In C. Vainer, O. Arantes, E. Maricato (eds.), *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, Petrópolis, Vozes.
- VASCONCELLOS, L. & MELLO, C. (2006), “Re: atrás de, depois de....”. In H. Vargas, A. Castilho (eds.), *Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*, São Paulo, Manole.
- VASCONCELOS, L. (2008), *Um Centro para uma Cidade (Pós-)Moderna: a Requalificação do Centro Histórico de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado, Fortaleza, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.